

Nacionalismo e a Política do Poder na Rússia de Vladimir Putin

Luiz Fernando Mocelin Sperancete

Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

E-mail: lfmocelins@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar a dinâmica política, econômica e social da Federação Russa sob a liderança de Vladimir Putin (2000-2016) e relacionar a ascensão do líder russo à presidência do país como efeito histórico da derrocada da União Soviética. Além disso, procura-se analisar como Putin estimula a emergência do nacionalismo russo, e quais as medidas utilizadas, de ordem interna, pelo líder russo, para tal.

Palavras-chave: Federação Russa. Vladimir Putin. Nacionalismo. Poder.

Classificação JEL: P11

Abstract

This work aims to describe and analyze the political, economic e social dynamics of the Russian Federation under the leadership of Vladimir Putin (2000-2016), and to relate the rise of the Russian leader to the presidency of the country as a historical effect of the collapse of the Soviet Union. Furthermore, it seeks to analyze how Putin encourages the rise of the Russian nationalism, and what measures the Russian leader has used domestically to do so.

Key-words: Russian Federation. Vladimir Putin. Nationalism. Power.

JEL Code: P11

1. Introdução

A Federação Russa (doravante Rússia) foi a grande potência derrotada ao final da guerra-fria, perdendo “um quarto de seu território e metade de sua população” (FIORI, 2008, p. 49), além da perda da centralidade na política internacional como uma das superpotências e do papel central que o Estado desempenhava na vida econômica da nação. Apesar deste contexto adverso, em 2000 Putin chegou à presidência de uma nação que

seguia apresentando características que fazem deste país uma realidade única: um imenso poder nuclear, indústrias sofisticadas no complexo industrial militar e um diversificado *pool* de trabalhadores científicos (MEDEIROS, 2008, p. 242-243).

Tais características foram as bases que assentaram a correção de rumos que Putin almejava quando chegou à presidência, dando início a uma macro-reforma econômico-social, com as nacionalizações dos setores energético e midiático, estímulos ao complexo industrial militar e a aprovação de medidas voltadas à melhoria da qualidade de vida da população (SAKWA, 2008b). Por outro lado, o líder russo promoveu uma verdadeira perseguição política contra os opositores de seu governo, assim como promoveu a reestruturação político-geográfica do país, através de uma nova divisão administrativa da Rússia, além da articulação de uma grande coalisão política, a qual assegura relevante governabilidade ao Executivo do país, sendo o partido do presidente, o Rússia Unida, o grande vitorioso nas sucessivas eleições presidenciais após o ano 2000 (SAKWA, 2008a). Nesse sentido, este artigo intenta analisar como a ascensão de Vladimir Putin à presidência tem alterado a dinâmica política, econômica e social russa entre 2000 e 2016.

2. A ascensão de Putin como efeito histórico e a emergência do nacionalismo russo

Vladimir Putin, jurista de formação, doutor em economia, chefe da extinta KGB (FSB⁹, atualmente) e político, chegou ao poder russo em meio a uma conjuntura de graves crises de ordem política, econômica e social, as quais se deram, em parte, por conta das medidas tomadas nos anos 1990 por Boris Yeltsin, e enfraqueceram substancialmente o poder internacional do país, não obstante a recusa da população (e de parte da elite política oposicionista) em aceitar as medidas econômicas liberais e socialmente conservadoras tomadas pelo líder russo. Nesse sentido, tendo como pano de fundo esta conjuntura desfavorável, Putin surge para o povo russo no início dos anos 2000 como o líder que vai reerguer a nação novamente.

A carreira política de Vladimir Putin começou em São Petersburgo nos anos 1980, quando foi nomeado assessor do prefeito da Cidade. Mais tarde, já no comando da FSB, Putin se destacaria como “homem de ferro” no comando da entidade, sendo, então, nomeado Primeiro-Ministro em 1999. Após esta nomeação, Putin começou a receber enorme aclamação popular, tendo em vista o caráter patriótico nas suas declarações sobre a Chechênia, sendo visto perante o povo russo como o símbolo do renascimento da *Grande Nação Russa*, pois ousaria enfrentar as advertências do governo norte-americano em relação à Chechênia, lançando mão, inclusive, de uma invasão militar para combater os terroristas chechenos (BUSHKOVITCH, 2014). O resultado foi que “o povo via nele a pessoa capaz de resgatar a honra da Rússia, perdida por ocasião da assinatura do tratado [de autonomia] com os chechenos, [por Boris Yeltsin]” (BERSTEIN & MILZA, 2007, p. 276).

Segundo Graciela Zubełzú (2007), as características históricas da Rússia no contexto do século XX continuamente requereram uma liderança forte e uma espécie de omni-responsabilidade do Estado acerca do bem-estar da população, o qual era garantidor de um aparato de políticas de bem-estar social que englobavam saúde e educação gratuitas, moradia subsidiada, alimentação subsidiada, políticas de pleno emprego e acesso gratuito à cultura. Em suma, houve um gigantesco programa de bem-estar social durante o período soviético, análogo àquele dos principais países da Europa Ocidental¹⁰. Por outro lado, no seio da sociedade soviética tradicionalmente existiu um “difundido desejo de uma ideologia nacional a ser implementada pelos órgãos do Estado” (ZUBEŁZÚ, 2007, p. 111). Esse desejo encontra suas raízes no imaginário

⁹ Federal Security Bureau.

¹⁰ Alemanha Ocidental, França, Itália, Noruega e Bélgica. Sobre as características do estado de bem-estar social destes países europeus (mas não somente), ver HOBBSAWM (1995), capítulo 9, principalmente o item III.

social de que em momentos que o Estado se enfraqueceu, houve anarquia e desordem, e a reconstrução ou restabelecimento da autoridade, que evite tal situação, resulta numa prioridade à qual se relega claramente todos os outros objetivos nacionais imediatos (PHILLIPS, 2000; RUTLAND, 2009)¹¹. Ademais, a União Soviética do pós-Primeira Guerra Mundial era legitimada pela população, pois a maioria da população acreditava que aquele Estado era seu (NOVE, 2013), mas, nos anos 1990, esta legitimidade apresentou sinais de enfraquecimento, tendo em vista o fato de que as medidas impostas pelo governo Yeltsin representavam a imagem de que a Rússia era a “terra de ninguém” (MEDEIROS, 2008), com a população acreditando que a nova elite liberal estaria muito mais distante dos anseios populares do que os comunistas haviam estado no período soviético (BUSHKOVITCH, 2014).

No decorrer da década de 1990, a população começava a olhar os anos soviéticos com uma sensação benfazeja em relação ao momento em que estavam vivendo (SAKWA, 2008b; SEGRILLO, 2015; STONER-WEISS *et al*, 2009) e, com a subida ao poder, Putin reagiu a isso remontando algumas políticas daquele período, como a exposição dos heróis soviéticos da Grande Guerra Patriótica (Segunda Guerra Mundial) e da corrida espacial em cerimoniais públicos, além de buscar vangloriar o próprio período soviético como um período de auge na história do país, cujos alguns traços deveriam ser remontados. Além disso, Zubelzú destaca que

na Rússia, onde o Estado joga um papel exagerado como sujeito principal da política social, as características do modelo liberal são consideradas absolutamente inaceitáveis e que o Estado deve proteger a todos, [...] e esta tradição tem atravessado diversos sistemas políticos, como o imperial-autocrático e o soviético (ZUBELZÚ, 2007, p. 109-110).

Nesse contexto, uma das primeiras medidas de Putin como presidente foi a de colocar em prática o conceito de “cidadão”¹² da era soviética, a saber, manter as duas faces do povo russo: os “russkii” e os “rossiyanin”. Os primeiros são os russos étnicos, nascidos de pai e/ou mãe russos, mesmo que não vivam na Rússia, enquanto os segundos são considerados quaisquer cidadãos que nascem e vivem na Rússia (cidadão por nascimento ou vivência), mas não necessariamente russos étnicos (SEGRILLO, 2015). O uso de tal conceito por Putin torna o cidadão russo parte fundamental da nova estratégia russa de proteger seus nacionais dentro e fora da fronteira russa, devendo ser defendido em qualquer lugar e situação. Tal fato apresenta como consequência a legitimação das ações do governo Putin tanto no âmbito de política interna quanto no de política externa ao longo dos anos 2000, tendo em vista que o líder russo “buscou alcançar a reconstrução dos cidadãos como objeto do espaço político russo para dar substância à ideia de superioridade da sociedade russa acima de qualquer outro tipo de sociedade” (SAKWA, 2008b, p. 205). Consequentemente, o nacionalismo voltou com grande força no país, afinal, para conseguir executar tal política, o atual chefe do Kremlin ressuscitou a histórica ideia que permeia o imaginário russo de que aqueles que não são russos são considerados “o outro”, cujo empirismo se mostra na postura russa durante a crise ucraniana, na qual o governo russo lançou mão de medidas com vistas a assegurar os direitos da população russa tanto no leste ucraniano quanto na região da

¹¹ Liberdades civis, por exemplo.

¹² Este conceito de cidadão, conforme destaca Ângelo Segrillo, apresenta-se para Putin como algo análogo à ideia do “homem soviético” imaginado por Stálin, criado através de uma revolução cultural ostensiva, destinada a glorificar a Revolução, com “imenso esforço de elevação do nível educacional e cultural das massas soviéticas para fornecer a mão de obra qualificada necessária para operar a nova economia (e, pelo menos teoricamente, criar um *novo homem soviético*, socialista e mais solidário coletivamente)” (SEGRILLO, 2015, p. 200).

Crimeia, tendo em conta que os ucranianos do oeste do país eram “agraciados” com ajuda norte-americana e europeia¹³. Em dois discursos nacionalistas históricos após o referendo que ratificou a Crimeia como parte do território russo, Putin deixa claro o recurso ao conceito de cidadão russo como arma da política externa russa, quando afirmou, em março de 2014, que

[...] mais de 82% do eleitorado participou na votação [do referendo e] mais de 96% deles disseram-se a favor de reunir-se com a Rússia. Estes números falam por si. Tudo na Crimeia fala pela nossa história e orgulho compartilhados. Este é o local da antiga cidade de Khersones, onde o príncipe Vladimir foi batizado. As sepulturas dos soldados russos também estão na Crimeia. Esta é também Sebastopol – uma cidade lendária, com uma história notável, uma fortaleza que serve como berço da Frota Russa do Mar Negro. Crimeia é Balaklava¹⁴ e Kerch¹⁵, Malakhov Kurgan¹⁶ e Sapun Ridge¹⁷. Cada um destes lugares é caro para os nossos corações, simbolizando a glória militar russa e valor excepcional (PUTIN, 2014a, p. 1-2)¹⁸ [...] e que reiteramos o direito em usar todos os meios disponíveis para proteger aquele povo nas regiões leste e sudeste da Ucrânia, pois acreditamos que é absolutamente legítimo (PUTIN, 2014b, p. 7)¹⁹.

A questão da soberania sobre o território russo é marca importante da liderança de Putin enquanto presidente do país. Nos anos 1990, a Rússia havia sido interpelada por uma sucessiva onda de atentados terroristas oriundos dos separatistas nacionalistas da Chechênia, região do Cáucaso russo. Buscando debelar qualquer tipo de ameaça à integridade territorial do país e combater o crescente terrorismo interno, Putin atuou com mão de ferro não somente sobre a Chechênia²⁰, mas também sobre todo o Cáucaso,

¹³ Cf. EUA (2016), COMISSÃO EUROPEIA (2015) e DW (2016).

¹⁴ Pequena cidade situada perto de Sebastopol, cuja história remonta ao período do século XII, quando se constituía como importante centro comercial sob o comando dos genoveses. No período contemporâneo, foi importante na Segunda Guerra Mundial, constituindo-se como ponto extremo-sul das linhas militares das forças soviéticas contra a Alemanha Nazista, além de ter sido a principal base para os submarinos nucleares soviéticos, durante a guerra-fria (BUSHKOVITCH, 2014).

¹⁵ Uma das mais maiores cidades na Criméia, onde muitos soldados soviéticos morreram envenenados por gás Poison, nas batalhas travadas contra o exército nazista (IBIDEM).

¹⁶ Esta cidade presenciou a maior batalha da guerra da Criméia (1853-56), quando o exército russo enfrentou as forças anglo-francesas, perdendo inúmeros soldados, por conta do relativo atraso em seus equipamentos bélicos (IBIDEM).

¹⁷ A vitória dos soviéticos contra as forças nazistas nesta cidade decretou o fim da ocupação nazista na Península da Criméia, assim como abriu caminho para que as forças soviéticas pudessem avançar rumo a Europa Central. Muitos soldados soviéticos foram mortos, e um monumento para eles foi erguido em 1944 (IBIDEM).

¹⁸ “[...] more than 82 percent of the electorate took part in the vote [of the referendum and] over 96 percent of them spoke out in favor of reuniting with Russia. These numbers speak for themselves. Everything in Crimea speaks of our shared history and pride. This is the location of ancient Khersones, where Prince Vladimir was baptized. The graves of Russian soldiers are also in Crimea. This is Sebastopol – a legendary city with an outstanding history, a fortress that serves as the birthplace of Russia’s Black Sea Fleet. Crimea is Balaklava and Kerch, Malakhov Kurgan and Sapun Ridge. Each one of these places is dear to our hearts, symbolizing Russian military glory and outstanding valour” (PUTIN, 2014a, p. 1-2).

¹⁹ “[...] and that we retain the right to use all available means to protect those people in the eastern and southern regions of Ukraine” (PUTIN, 2014b, p. 7).

²⁰ A ação do governo russo no sequestro de um teatro de Moscou em 2002, com o exército soltando gás tóxico que mataria os sequestradores chechenos e 115 reféns teve grande apoio popular. Nesse caso, “a firmeza demonstrada por Vladimir Putin, [...] contrário a qualquer negociação com os rebeldes chechenos, é aprovada pela população, revertendo em êxitos eleitorais” (BERSTEIN & MILZA, 2007, p. 383) e crescimento do nacionalismo.

região cuja maioria populacional é caracterizada por rebeldes muçulmanos e islâmicos (TAYLOR, 2011).

Conforme a história russa²¹, as fronteiras sempre apresentaram significativa importância para a liderança política do país, afinal Moscou sempre se expandiu nos estertores do período Czarista e soviético, e se defendeu durante as investidas estrangeiras, conforme foi com Napoleão Bonaparte e Adolf Hitler. Com a retomada desta ideia de que o território deve ser condição *sine qua non* para a sobrevivência da nação e de que o Estado deve ser o garante disso, Zubelzú (2007) destaca que o governo Putin avalia que a extensão territorial do país deve supor: 1) o respaldo de uma autoridade política estatal centralizada e forte para defendê-la; 2) que a extensão territorial da Rússia se apresenta como elemento que conforma o poder do país frente ao exterior, e; 3) que o país é considerado um vizinho de três regiões em *turbulência* (Oriente Médio), *mudança* (Europa) e *ebulição* (Ásia). Nesse contexto, a importância da extensão territorial no imaginário russo vem moldando a forma como o governo russo desenvolveu ao longo dos anos 2000 políticas de defesa destinadas a assegurar a soberania de Moscou até o último palmo de chão do país, não obstante repelir incursões estrangeiras próximo à fronteira russa (ZUBELZÚ, 2007; WEGREN, 2013; STUERMER, 2008). Além disso, de acordo com Sakwa (2013), o condicionamento e a preocupação territorial resultam em fatores de peso político permanente quando se analisa o longo período da história russa, assim como os desdobramentos que esta variável apresenta sobre a política econômica, a política externa e à questão do nacionalismo, conferindo às ações de Putin um precedente histórico importantíssimo²².

Nesse sentido, a política externa capitaneada por Putin é utilizada como meio para amalgamar o apoio da população russa em torno de um projeto nacional que vise, em última instância, a garantia do papel da Rússia outrora perdido com o colapso soviético, a saber, o status de grande potência internacional. Desta forma, as ações russas na Chechênia, nas “revoluções coloridas” na Geórgia e na Ucrânia no começo da década de 2000, na reação à expansão da OTAN e União Europeia sobre o Leste Europeu e o papel crescente dos oficiais militares, de inteligência e diplomatas na vida política do país, são elementos que dão os contornos da estratégia nacionalista de Putin tanto internamente quanto externamente.

Ademais, após o lançamento por Putin do conceito de cidadão russo como paradigma político nacional, o debate sobre esta questão adquiriu uma nova dimensão para Rússia no seu relacionamento com o exterior, projetando seu nacionalismo para fora das fronteiras, principalmente sobre o Leste Europeu, região outrora sob influência direta russa (STUERMER, 2008). Além disso, segundo a mesma autora, Putin evoca este conceito de cidadão russo como forma de intrinchar os problemas crônicos do país à atuação de atores políticos e econômicos forâneos, “no outro”, principalmente sobre o

²¹ Cf. SEGRILLO (2015), BUSHKOVITCH (2014), POMERANZ (2010), SAKWA (2008a) e SAKWA (2008b).

²² Destaca-se, neste caso, a possível interligação da dotação geográfica para Putin com o elemento geográfico que Morgenthau (2003) descreve em sua obra *A política entre as nações*. Para este, o elemento geográfico é importante fator que conforma o poder de uma nação, desde que seja gerido com vista a elevar a autonomia nacional frente ao exterior. Desta forma, torna-se mister o destaque de que, para Putin, o elemento geográfico é fonte de recursos materiais importantes para a execução de seu projeto político nacional, pois é no solo russo que se encontram as *commodities* que estão alavancando, em parte, a reestruturação política, econômica e social interna e a emergência internacional do país desde os anos 2000. Além disso, a posição estratégica russa entre a Europa e a Ásia confere a Moscou um maior poder de dissuasão nestas duas regiões, as quais apresentam elevada dinâmica política e econômica, não obstante apresentarem desafios, tendo como exemplos as tensões no Cáucaso, na Síria, na Ucrânia e no extremo leste com o Japão).

papel dos Estados Unidos e da União Europeia no colapso do país nos anos 1990 e as consequências sociais que este colapso gerou²³. Com base nisso, a população, pauperizada por tal colapso, percebe com bons olhos esta tônica de Putin em lançar sobre o exterior as causas de muitos malefícios que o país passou, conferindo ao líder russo o suporte necessário para dar seguimento a tal política.

Outro meio de Putin para promover o nacionalismo e alavancar seu apoio interno tange a questão da religião ortodoxa, tendo em vista que a Rússia se apresenta como a “Nova Roma” para a fé cristã ortodoxa a nível mundial, a qual teve grande papel na formação histórica do país (BUSHKOVITCH, 2014; SEGRILLO, 2015). Além disso, ao promover os símbolos da referida religião e sua propagação para o país, o líder russo dialoga e conquista o apoio de cerca de 70% da população russa, a qual declaradamente se considera praticante desta religião (HILL & GADDY, 2015). Desta forma, “está claro que [Putin] apela [também] aos valores representados pela fé ortodoxa e a um nacionalismo moderado com o propósito de ligar identitariamente a nação russa” (ZUBELZÚ, 2007, p. 119) a um projeto político nacional.

Tal ligação identitária nacional provocada pelo líder russo baseada no território, no conceito de cidadão e na fé pode ser interpretada tendo por base aquilo que Hobbes (1998) chama de “a lei suprema da nação”, a saber, de que os verdadeiros governantes devem estar imbuídos da vontade suprema de dar segurança à nação, para que esta não seja dominada por outras, tendo como presunção ideia da defesa dos cidadãos nacionais contra um inimigo externo. Obviamente, no caso russo isto torna-se evidente, tendo em vista o discurso de Vladimir Putin no “Dia da Rússia”²⁴ de 2016, quando declarou que este dia

representa valores importantíssimos como a pátria, o patriotismo e a unidade do povo; ela reflete os nossos sentimentos calorosos e sinceros; a nossa responsabilidade pelo presente e futuro da Rússia (SPUTNIK, 2016, p. 1).

Apesar de não tocar na palavra nacionalismo, os termos “pátria”, “patriotismo” e “unidade do povo” expressam um fundo ideológico que mira, intrinsecamente, a elevação da moral nacional e do nacionalismo pari passu a união do povo em torno de sua liderança e seu projeto político nacional.

Apresentadas estas questões que permeiam a ascensão de Vladimir Putin e a emergência do nacionalismo russo, torna-se mister avançar sobre quais foram as medidas que o líder russo buscou implementar internamente concernentes ao projeto político nacional iniciado no ano 2000 sob sua liderança.

3. Reformas internas e a reestruturação do Estado russo

Com vistas a implementar seu projeto político de reestruturação do poder russo, Vladimir Putin tornou necessário um novo *aggiornamento* político, econômico e social doméstico, tendo em vista a mitigar as mazelas que o país herdou dos anos 1990. Para tal, duas macro-reformas foram colocadas em prática: uma de caráter econômico-social e outra político-administrativa.

3.1 Estado e reformas econômico-sociais

Na esteira das privatizações dos anos 1990, surgiram no país oligarquias econômicas que lucraram com o desmoronamento do Estado soviético. Estas

²³ Cabe destacar que na doutrina de política externa russa de 2010 a defesa dos cidadãos russos no exterior aparece como o quarto (4º) princípio, o que confere elevada importância à diáspora russa como arma de política externa do Kremlin. Cf. FREIRE (2011).

²⁴ 12 de junho.

oligarquias eram mal vistas pela maioria da população, e Putin as desafiou a fim de cumprir a promessa que havia feito aos eleitores em 2000 de restaurar a *ordem e a lei*, assim como *um Estado forte*, em detrimento de alguns bilionários egoístas (BERSTEIN & MILZA, 2007). Ao promover esta *guerra*, o líder russo estabeleceu uma série de reestatizações de empresas dos setores energético, industrial, midiático, aeronáutico e bélico. O caso mais emblemático foi o caso *Yukos*, em que Mikhail Khodorkovski, um dos maiores bilionários russos nos anos 1990, foi preso e teve os bens confiscados, acusado de evasão fiscal, corrupção, contabilidade criminosa recorrente, dentre outros crimes. Esta guerra travada por Putin contou com a crescente participação dos ex-agentes da KGB ligados a ele, os quais tornaram-se “oficiais” da corte do líder russo nesta caça aos oligarcas.

Segundo Richard Sakwa (2013), quando da chegada de Putin à presidência, persistia na população um sentimento de comunidade, cujos indivíduos se ajudavam economicamente compartilhando os poucos recursos que possuíam entre si, tendo em vista a grave crise que o mercado de trabalho e a economia do país percorreu nos anos 1990. Com vistas ao agravamento da desigualdade econômica e social na referida década, o povo russo percebia os *novos russos*²⁵, considerados homens de negócios que fizeram fortuna durante as privatizações das empresas estatais, com profundo desprezo, sentimento este que se “constitui numa das razões de apoio ao presidente Putin em relação a campanha dele contra esses *novos russos*, que saquearam o Estado e a Rússia” (ZUBELZÚ, 2007, p. 111).

Destaca-se ainda que esta guerra declarada pelo governo Putin contra as oligarquias vai de encontro àquilo que Hans Morgenthau (2003) chama de “a índole nacional”²⁶, afinal, ao promover a reestatização de empresas de vários setores da economia e o expurgo das oligarquias, principalmente aquelas ligadas aos setores energético²⁷ e midiático²⁸, Putin recolocou no imaginário da sociedade russa a histórica ideia de proteção estatal, fazendo com que esta não seja sobrepujada por interesses egoístas e desestabilizadores socialmente, o que criou, juntamente com a emergência do nacionalismo, uma espécie de espírito nacional, em que os cidadãos sentem que os interesses da nação estão acima de particularismos dos “novos russos”.

Ao deslançar esta caça às oligarquias, o presidente russo desencadeou uma série de reformas econômicas internas, as quais se caracterizaram por conferir ao Estado maior poder de decisão nos rumos econômicos e sociais do país. Estas reformas se caracterizaram pela nacionalização das empresas do setor energético (GAZPROM, LUKOIL e YUKOS), conforme já citado, o que, num período em que o preço do barril de petróleo começava a entrar num ciclo de alta (que durou toda a década de 2000)²⁹,

²⁵ Forma como a população chamava os oligarcas econômicos do país (SEGRILLO, 2015).

²⁶ Segundo o autor, a índole nacional é como um véu que envolve as mentes e ações dos indivíduos que vivem sob a égide daquilo que se chama de Estado Nacional, o qual tem a responsabilidade originária de exalar sobre toda a nação de indivíduos sob sua jurisdição tal índole, para que ela se perpetue (MORGENTHAU, 2003).

²⁷ De acordo com Medeiros (2008) e Mazat & Serrano (2012), a reestatização direta e indireta das empresas Gazprom, Lukoil e Yukos, no setor energético, e o enquadramento da mídia, através de leis e fortalecimento de empresas estatais de comunicação, resultaram na mudança da correlação de forças em favor do Estado e da *facção* política comandada por Putin.

²⁸ Os principais meios de comunicação estatais fortalecidos com Putin foram: THE VOICE OF RUSSIA; RIANOVOST; RUSSIA TODAY E SPUTNIK. Todos estes canais televisivos apresentam abrangência global, em vários idiomas, difundindo a visão russa dos fatos determinantes internamente e externamente ao país. Cf. Ignatiev (2007).

²⁹ Entre os anos 1998 e 2014, o preço do barril de petróleo saltou de US\$ 11 para US\$ 105, o que fez com que o setor enérgico russo, agora sob o comando do Estado, tivesse uma considerável elevação de renda, o que levou tanto a um expansionismo das políticas monetária e fiscal do Estado, quanto à regularização

garantiu a entrada maciça de recursos financeiros do exterior à Rússia, afinal o país é um dos maiores produtores e exportadores da *commodity*. Como o setor energético, segundo Medeiros (2008), representa 20% da economia e 50% das exportações do país, este ciclo de alta do preço internacional do petróleo representou fator determinante para alavancar os investimentos estatais dentro do país³⁰.

Por exemplo, o setor bélico (outro que Putin promoveu reformas profundas para reorganizá-lo e dinamizá-lo) foi um dos que mais se expandiram com os investimentos estatais oriundos da venda dos recursos energéticos ao exterior³¹. Para se ter ideia da magnitude deste movimento, na média dos anos 1990, o orçamento militar do país caiu drasticamente, cerca 1/10 em relação a 1989 (STONER-WEISS *et al*, 2009). Nos anos 2000, houve uma inflexão desta tendência e duas medidas foram tomadas para reerguer o setor: a expansão do orçamento federal na área de defesa³² e a reorganização do complexo industrial de defesa sob o comando do Ministério da Defesa do país. Com os recursos oriundos do setor energético sendo empregados para ampliar os investimentos no setor bélico, “o gasto militar, longe de ser um ‘fardo’ que impede a utilização de recursos para outros fins, [foi] um importante estímulo para a expansão econômica e, devido às suas características, também para o progresso tecnológico [do país]” (MEDEIROS, 2008, p. 249)³³. Com a centralização do setor ao redor do Estado russo, a produção, modernização e exportação de armamentos garantiu enorme poder ao Estado russo frente ao exterior, tendo em vista que a exportação de armamentos ganhou força, tendo como principais destinos a China, Síria, Irã, Venezuela e Brasil³⁴. Além disso, ao promover desfiles e paradas militares com estes novos armamentos e sua demonstração para o mundo através da mídia, o governo de Moscou busca promover aquilo que Hans Morgenthau (2003) chama de *política de prestígio* pela via militar, ou seja, projetar sobre o exterior uma imagem de que o país conta armamentos com tecnologia de última geração.

Segundo Pomeranz (2007), a dinâmica do setor energético também foi canalizada pelo governo Putin para implementar uma estratégia mais ampla de desenvolvimento econômico, melhorar a inserção competitiva do país no cenário internacional e servir como instrumento de política externa. Para tal, foram formuladas duas estratégias de médio-longo prazos: a primeira é o “Programa de desenvolvimento econômico-social da Federação Russa no médio prazo 2005-2008” e, a segunda, são as “Direções básicas da política orçamentária e tributária para os anos 2008-2010”. Estas

das finanças do Tesouro. Esta reestruturação levou à queda da despesa financeira e o aumento da despesa não-financeira estatal, o que, conseqüentemente, estimulou setores da economia real e a elevação do investimento público e privado, além do consumo das famílias. “A conjugação destes fatores levou a uma trajetória de alto crescimento puxado pelos investimentos e consumo internos” (MEDEIROS, 2008, p. 244), com cerca de 3,9% de crescimento médio do PIB, 6,7% de crescimento médio da taxa de investimentos e 3,5% de crescimento médio do consumo total da economia entre 2000 e 2016, segundo dados de Ignatiev (2007) e Banco Mundial (2017).

³⁰ Média de 0,9% entre 2000-2016 (BANCO MUNDIAL, 2017).

³¹ O gasto militar sobre o orçamento federal situou-se na casa dos 16% entre 2000-2016 (IBIDEM).

³² De 3,6% do PIB em 2000 para 5,4%, em 2016 (IBIDEM).

³³ O setor bélico é mais um dos elementos que realmente importam em qualquer grande potência, segundo a teoria política realista de Morgenthau (2003), tendo em vista que, dado o grau de competição que as nações se encontram na política internacional, faz-se necessário sempre estar preparado para defender-se. No caso da Rússia, este elemento conforma o poder do país historicamente, desde os tempos da guerra contra Napoleão até a vitória sobre a Alemanha Nazista (BUSHKOVITCH, 2014). Com a chegada de Putin à presidência, oficiais militares galgaram postos de comando no *establishment* russo, e o grau de desenvolvimento do setor bélico-industrial desde o ano 2000 é muito maior do que nos anos 1990, por conta da crescente demanda do Ministério da Defesa por tais produtos (MEDEIROS, 2008).

³⁴ Cf. Connolly & Sendstad (2017).

estratégias estabeleceram as diretrizes para uma melhor inserção da economia russa no mundo globalizado, com meta de duplicar o PIB do país até o ano de 2010³⁵, através da criação de mecanismos de controle e regulação típicos das economias capitalistas liberais. Além disso, segundo a autora, foram definidas as seguintes diretrizes: 1) dinamizar a diversificação estrutural da economia através de elevadas taxas de crescimento, e; 2) dinamizar os setores vinculados ao engrandecimento social da população (educação, saúde, habitação, luta contra a pobreza e investimento em inovações tecnológicas voltadas ao setor civil). Por se tratar de um projeto, não houve a fixação de metas, a não ser na questão da duplicação do PIB. Além disso, Putin lançou os chamados programas nacionais, que englobam, basicamente, um Programa Nacional de Educação, um de Saúde, um de Habitação e um de apoio à Agricultura.

Por outro lado, houve também a criação do “Fundo de Estabilização”, dividido entre o “Fundo de Reserva” (destinado a suprir as possíveis reduções das receitas oriundas dos recursos energéticos) e o “Fundo para as Futuras Gerações” (também denominado “Fundo de Bem-Estar Nacional”, destinado ao desenvolvimento econômico e à elevação do nível de bem-estar da população, com a capitalização de órgãos de financiamento criados para alavancar os investimentos na economia real nacional³⁶ – pequenos empreendimentos, projetos de infraestrutura básica, geração de empregos, distribuição de energia elétrica, projetos de inovação e desenvolvimento tecnológico, através de investimentos na Academia Russa de Ciências, os programas de dispêndio em saúde, infraestrutura de transportes, apoio à indústria aeronáutica e o programa de desenvolvimento demográfico)³⁷. Consequentemente, Moscou e outras grandes cidades passaram por uma melhoria considerável da atividade econômica durante os anos 2000, o que se refletiu no âmbito das famílias russas³⁸. Uma nova classe média se formou no país e a passou a consumir de forma sustentável ao longo dos anos³⁹, trocando, por exemplo, “eletrodomésticos soviéticos decrépitos por lava-roupas

³⁵ Segundo dados do Banco Mundial (2017), em 2000, o PIB russo apresentava o valor absoluto de US\$ 259 bilhões e, em 2010, este valor saltou para US\$ 1,525 trilhão.

³⁶ Esta injeção de investimentos no complexo industrial nacional, além de ser consequência de um projeto nacional de longo prazo, é fator que procura blindar a economia russa de possíveis sanções ou penalidades econômicas oriundas do exterior, conforme vê-se, atualmente, nas sanções oriundas dos Estados Unidos e da União Europeia ao país, desde que começou o conflito na Ucrânia (Cf. EUA, 2014; BBC, 2014a; BBC, 2014b). Além disso, o fato do governo Putin procurar dinamizar a economia real do país através de investimentos produtivos em setores estratégicos vai de encontro à tese levantada pelo *founding father* do realismo político moderno, de que uma capacidade industrial sólida e sustentável é elemento que engrandece o poder de dissuasão de uma nação sobre outra, tendo em vista que esta capacidade industrial, ao ser empregada economicamente e militarmente, confere ao país poder de ação internacional autônomo e autossuficiente em termos de recursos materiais (MORGENTHAU, 2003), além do fato de que, internamente, um elevado grau de capacidade industrial pode conferir à população as bases materiais para sobreviver razoavelmente bem, tanto em períodos de calma quanto em períodos de turbulência.

³⁷ Cf. Covington (2015), Hill *et al* (2015) e Horvarth (2013).

³⁸ Os recursos oriundos da venda de petróleo serviram, dentre outras coisas, para colocar os salários e aposentadorias dos funcionários estatais em dia, tendo em vista que eram atrasadas por meses durante o período Yeltsin. Nesse sentido, boa parte da popularidade inicial de Putin deriva, em parte, de em apenas um ano colocar em dia todos os salários e aposentadorias. Desta forma, o período de crescimento econômico inicial da Era Putin “não era apenas um caso do tipo ‘a economia vai bem, mas o povo vai mal’: a melhoria macroeconômica se refletiu diretamente no bolso dos cidadãos” (SEGRILLO, 2015, p. 252).

³⁹ Lenina Pomeranz (2007) destaca que o salário mínimo apresentou, durante os anos 2000, um aumento real da ordem de 4,7 vezes, a renda média mínima para se viver na Rússia nos anos 1990 era de 7 mil rublos, e somente 2% da população apresentavam este nível de renda em 2000. Em 2005, este nível de renda já era mensurado em 48% da população. Por outro lado, a taxa de desemprego, que se situava em torno de 12,4% em 1999, passava para 7% em 2007 e 5,7% em 2016. A taxa de longevidade da população

e lava-louças Siemens e Bosch, [...] não obstante os imensos engarrafamentos todo dia porque milhões de pessoas compraram carros pela primeira vez” (BUSHKOVITCH, 2014, p. 470). Além disso, essa “nova classe média” passava férias na Europa e Oriente Médio, e a taxa de natalidade superava, depois de muitos anos, a taxa de mortalidade, revelando os resultados dos investimentos em saneamento básico e do “Programa de Desenvolvimento Demográfico”⁴⁰.

Desta forma, um dos principais feitos da “Era Putin” foi de ter expandido o mercado interno da Rússia, o que, conseqüentemente, refuta a ideia de que somente a venda de petróleo e gás para a União Europeia teria alavancado a economia do país. Pelo contrário, a venda de petróleo e gás foi importante fator para a entrada de divisas internacionais, mas a expansão do mercado interno fora, talvez, o efeito mais impactante da política econômica de Putin e seu governo.

3.2 Estado e reformas do sistema político-administrativo

Para que a prosperidade econômica e social tivesse o impulso pretendido pelo líder russo, alterações substanciais no curso político do país teriam que ser realizadas, inclusive no interior do Estado russo e na administração territorial do país. Nesse contexto, ao lado do enquadramento econômico das oligarquias, houve o enquadramento político das regiões controladas por elas, com a centralização em Moscou do recolhimento tributário, da justiça e das forças militares, tendo em vista conformar a centralização do comando de todas as atividades estatais, nos mais diversos níveis, nas mãos do executivo do país (MEDEIROS, 2008; SAKWA, 2013; SAKWA 2008a). Esta posição foi uma resposta ao que ocorreu nos anos 1990, pois, com o beneplácito de Boris Yeltsin, os poderes regionais, controlados pelas oligarquias econômicas, ganharam força, controlando o recolhimento de tributos, a justiça e o exército, com o conseqüente enfraquecimento do poder executivo federal. A reforma do sistema administrativo foi determinada com a revogação da autonomia das regiões russas e o país foi dividido em 89 regiões e sete macrorregiões federais, as quais se submetiam (civil e militarmente) ao controle direto de Moscou (SAKWA, 2008b; STUERMER, 2008). Ademais, estas sete macrorregiões eram também os sete distritos militares do país, e os seus governadores eram oficiais militares egressos da Federal Service Bureau, todos nomeados diretamente por Putin (BUSHKOVITCH, 2014). Desta forma, o líder russo colocava em marcha uma conexão histórica da formação russa, a saber, a conexão entre o poder militar e a administração do território russo⁴¹.

que era de 69,2 anos em 1990, decaiu para 65 anos em 2002 e aumentou para 65,3 em 2005. A taxa de pobreza, que em 1999 era de 41,5%, em 2002 passou para 19,6% e, em 2007, caiu para 15% (SEGRILLO, 2015). Tais fatos revelam uma dinâmica importante na *Era Putin*, a saber: o transbordamento dos investimentos econômicos sobre o tecido social.

⁴⁰ Dados do Banco Mundial (2017) revelam que entre 1991 e 2008 a Rússia apresentou um crescimento demográfico negativo e, somente a partir deste último ano, através do programa de desenvolvimento demográfico, o crescimento demográfico voltou ao patamar positivo. Mas, o que é mais importante é que o crescimento demográfico é entendido pelo Kremlin como algo estratégico para a segurança nacional, afinal, a defesa da parte Leste do país depende de um elevado nível de povoamento naquela região, assim como ocorre em outras regiões, como o Cáucaso. Além disso, a expansão demográfica do governo russo objetiva expandir o raio de atuação do exército russo nas fronteiras mais afastadas do país, conferindo ao Kremlin maior poder dissuasório nestas regiões (FEDERAÇÃO RUSSA, 2007).

⁴¹ Ao contrário de Yeltsin, que dava grande autonomia para os governadores regionais (o que levou à emergência dos movimentos separatistas na Chechênia) em troca de apoio no plano nacional, Putin recentralizou as esferas do poder na Rússia nas mãos do executivo federal, pois, tendo maioria nos parlamentos federal e regionais, anulou vários atos dos governadores e leis que contrariavam a Constituição do país (SEGRILLO, 2015; BUSHKOVITCH, 2014; KATHLEEN, 2002).

Mas, nesse contexto de reformas, Richard Sakwa (s/d) aponta que após Putin chegar à presidência, o sistema político russo vem apresentando um caráter dual, havendo a existência de dois regimes político-administrativos paralelos. Tais regimes se caracterizam 1) pelo regime político-constitucional, que provêm ao Estado e à sociedade determinadas regras de conduta, e 2) pela existência de um establishment político (facção, nas palavras do autor) comandado pelo partido de Putin (Rússia Unida), que opera as políticas governamentais com base nas diretrizes da coalisção que compõe a *corte* presidencial, ou seja, um regime partidário-burocrático que opera com base nos interesses das múltiplas facções que compõem o governo⁴².

Nesse sentido, Sakwa (s/d) destaca ainda que há o funcionamento pleno das instituições do Estado russo, mas as estruturas destas estão se tornando, desde 2000, opacas e sombrias, pois os quadros que ocupam os postos-chave delas são nomeados pelos dirigentes do partido do presidente Putin, e as práticas destes quadros são baseadas num modo de ação *cortesão*, ou seja, estão a serviço das designações da presidência do país, respondendo diretamente ao presidente. Desta forma, a Rússia apresenta um genuíno “regime administrativo”, com burocratas ligados ao presidente provendo as funções de comando estatais, mas cuja “legitimidade fundamental deriva de uma ordem constitucional sobre a qual é constantemente proclamada sua submissão” (IBIDEM, p. 36).

Como consequência deste sistema dual, de acordo com o autor acima, dois níveis de embate político apresentam-se na Rússia ao longo destes anos (2000-2016). O primeiro, na forma constitucional de concorrência eleitoral, com partidos e políticos operando e disputando votos livremente, com cobertura da imprensa e regulação das disputas eleitorais em termos formais. O segundo, na forma de um mundo “para-político” baseado em grupos informais e facções operando em torno dos quadros político-partidários/burocráticos que compõem a coalisção presidencial de Putin, cujo objetivo é minar qualquer ascensão de grupos opositoristas, através da manipulação midiática para moldar os resultados eleitorais, com o uso do aparato estatal a seu favor. Nesse sentido, o que se vê na Rússia, desde 2000, é uma forte relação de promiscuidade entre o Estado e a coalisção partidária que o controla, consolidando o poder presidencial e reforçando ainda mais o poder de comando do Estado frente à sociedade.

Além disso, Sakwa (s/d) e Medeiros (2008) destacam que o mundo formal das instituições está subvertido por um processo interno de práticas informais, em que os agentes do regime operam segundo suas leis e regras internas próprias, as quais se constituem como uma forma *institucional* de controlar o aparato estatal. Embora os dois pilares deste Estado dual apresentem-se pelas palavras “formal” e “informal”, ou “constitucional” e “regime”, analiticamente eles tornaram-se mutuamente constitutivos. Perante a sociedade, a administração do Estado permanece relativamente afastada e imune aos movimentos políticos e associações cívicas populares que pregam o caráter democrático da Constituição russa, ao mesmo tempo que restringe a participação destes grupos na burocracia estatal, sendo os cargos políticos de maior relevância destinados apenas às facções que compõem a coalisção do governo Putin. Por outro lado, os funcionários públicos do país são cooptados pelo regime a serem partícipes desta nova orientação política do Estado russo (SAKWA, 2008; HILL *et al*, 2015). Nesse contexto, a divisão da burocracia estatal com as facções políticas e funcionários públicos

⁴² Os pilares fundamentais do partido Rússia Unida baseiam-se no nacionalismo, estatismo e conservadorismo (RUSSIA UNIDA, 2016), indo de encontro aos anseios populares: o resgate do orgulho nacional perdido nos anos 1990, a atuação maior do Estado no provimento das necessidades básicas de sobrevivência e o estímulo à manutenção e elevação das tradições culturais do país (TAYLOR, 2011; STUERMER, 2008).

cooptados tem tornado a governança sensivelmente corrupta, eliminando a competição meritocrática, a transparência e a autonomia dos políticos e funcionários públicos contrários ao projeto de poder do grupo político de Vladimir Putin (HORVARTH, 2013; REMINGTON, 2008; REMINGTON, 2010).

Desta forma, a administração russa clama por estar acima das divisões político-ideológicas que assolam o país desde os anos 1990, e, de fato, procura neutralizar as forças políticas e sociais internas que estão apartadas do comando do Estado russo desde os tempos soviéticos, a saber, os grupos liberais mais extremados, ligados político-economicamente ao Ocidente. Nesse sentido, aqueles que não são cooptados pela força do regime, são marginalizados, e o processo eleitoral que vem elegendo a coalisão política de Putin desde 2000 expressa claramente esta disposição, afinal, de acordo com Remington (2010), no partido Rússia Unida há segmentos de distintas orientações políticas, os quais, ao buscarem não ser politicamente marginalizados, não fazem desagravos ao regime de Putin⁴³, e, aqueles que o fazem, estão fora do partido, ligados aos partidos de oposição, sofrendo subseqüentes derrotas nas eleições presidenciais⁴⁴ e legislativas⁴⁵ do país.

Na relação com o parlamento, a administração Putin vem atuando de forma a mitigar qualquer obstrução às medidas do poder Executivo que visam dar continuidade ao projeto iniciado em 2000. Neste sentido, conforme destaca Remington (2008), o fortalecimento da posição do partido do presidente ao longo dos anos na Duma (análogo à Câmara dos Deputados), é uma forma que Putin encontrou para concentrar a agenda política do país nas suas mãos, afinal, as medidas de ordem interna e externa implementadas pelo líder russo apoiam-se na sua majoritária base parlamentar, a qual legítima na lei estas medidas.

Consequentemente, a sintonia fina entre Executivo e Legislativo na aprovação de medidas que impactam diretamente a população reflete-se nos elevados índices de aprovação do presidente (com mais de 80%, em 2016)⁴⁶, além do referido desempenho de seu partido nas eleições legislativas. Mas, o mais relevante a se destacar é que o apoio da população às medidas adotadas pelo executivo, e sancionadas pelo legislativo, remete ao caráter nacionalista que estas apresentam, afinal Putin tenta trazer de volta ao debate político a recuperação da grandeza perdida do país e o papel que o cidadão russo têm nesse sentido.

⁴³ Segundo Thomas Remington (2010), três subgrupos dentro do partido *Rússia Unida* apresentam estas características. São eles: o liberal-conservador; o social-conservador, e; o liberal. Além disso, conforme destaca Berstein & Milza, “o programa do partido é, sem dúvida, patriótico: reúne aqueles que, após a queda da URSS, lamentam a perda de influência da Rússia no mundo e aspiram à recuperação do país. Mas [...] também contém aspectos sociais que [...] atraí uma parte do eleitorado comunista, sem deixar de defender princípios econômicos liberais e o desenvolvimento das pequenas e médias empresas, de forma a satisfazer os membros dos pequenos partidos de direita que não se opõem ao presidente” (BERSTEIN & MILZA, 2007, p. 384).

⁴⁴ Nas referidas eleições presidenciais, Vladimir Putin e Dmitri Medvedev, seu aliado político, sempre alcançaram mais da metade dos votos dos eleitores, sempre se elegendo em primeiro turno. As porcentagens alcançadas por eles foram as seguintes: Putin (2000): 52,99%; Putin (2004): 71,31%; Medvedev (2008): 71,28%; Putin (2012): 63,64%.

⁴⁵ Nas eleições legislativas nacionais que ocorrem desde 2000, o partido de Vladimir Putin também vem apresentando importantes vitórias, conferindo maior governabilidade ao Executivo russo, ao longo do tempo. As porcentagens alcançadas pelo “Rússia Unida” nas referidas eleições foram as seguintes: 2003: 225/450 cadeiras; 2007: 315/450 cadeiras; 2011: 238/450 cadeiras, e; 2016: 343/450 cadeiras.

⁴⁶ Cf. PRC (2017), Financial Times (2017) e The Telegraph (2017).

4. Considerações finais

Ao implementar uma plataforma de governo que canaliza os recursos do Estado para satisfazer as necessidades básicas da população, a qual foi alijada econômico-socialmente nos anos 1990, o governo de Vladimir Putin consegue auferir elevados níveis de popularidade e legitimidade social para governar. Com isso, torna-se evidente que as ideias de *virtú*⁴⁷ e *fortú*⁴⁸ de Maquiavel (1998) mostram-se eminentemente relevantes para se analisar as ações do presidente russo, afinal as medidas por ele adotadas podem ser interpretadas tanto como a “virtú” dele em implementar o que a população anseia e amalgamar apoio à sua liderança, quanto da “fortú” que a conjuntura interna e externa, desde 2000, vem lhe apresentando. Ou seja, Putin maneja e aproveita o contexto político, econômico e social interno da Rússia (e também internacional) para promover medidas populares e nacionalistas, visando obter a legitimidade social necessária para manter-se no poder.

5. Referências bibliográficas

BANCO MUNDIAL. **Data Bank – World Development Indicators**, 2017. Disponível em: <<http://databank.worldbank.org/data/reports.aspx?source=world-development-indicators>>. Acesso em: 15/04/2017.

BBC. **How far do EU-US sanctions on Russia go?** Europe, 2014a. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-28400218>>. Acesso em 12/07/2017.

_____. **Ukraine crisis: Russia and sanctions.** Europe, 2014b. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-26672800>>. Acesso em: 12/07/2017.

BERSTEIN, S.; MILZA, P. **História do século XX: volume 3: de 1973 aos dias atuais: a caminho da globalização e do século XXI.** São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2007.

BUSHKOVITCH, P. **História concisa da Rússia.** Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto. São Paulo, SP: EDIPRO, 2014.

COMISSÃO EUROPEIA. **European Commission support for Ukraine.** Brussels, Belgium, 27th April, 2015. Disponível em: <http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-15-4863_en.htm>. Acesso em: 03/07/2017.

⁴⁷ “[...] a “virtú” apresenta-se como a capacidade do príncipe em tornar a boa sorte do contexto a sua frente em realidade, transformando as circunstâncias do momento a seu favor para lograr o objetivo de manter o seu poder (MOCELIN, 2016, p. 57). “Os que, por suas virtudes, semelhantes às que aqueles tiveram, tornam-se príncipes, conquistam o principado com dificuldade, mas com facilidade o conservam; e os obstáculos que se lhes apresentam no conquistar o principado, em parte nascem das novas disposições e sistemas de governo que são forçados a introduzir para fundar o seu Estado e estabelecer a sua segurança” (MAQUIAVEL, 1998, p. 23).

⁴⁸ “Não ignoro que muitos têm tido e têm a opinião de que as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus, de forma que os homens, com sua prudência, não podem modificar nem evitar de forma alguma; por isso poder-se-ia pensar não convir insistir muito nas coisas, mas deixar-se governar pela sorte; [...] a “fortú” é como um desses rios torrenciais que, quando se encolerizam, alagam as planícies, destroem as árvores e os edifícios, carregam terra de um lugar para outro; todos fogem diante dele, tudo cede ao seu ímpeto, sem poder opor-se em qualquer parte. E, se bem assim ocorra, isso não impedia que os homens, quando a época era de calma, tomassem providências com anteparos e diques, de modo que, crescendo depois, ou as águas corresse por um canal, ou o seu ímpeto não fosse tão desenfreado nem tão danoso” (IBIDEM, p. 69).

CONNOLLY, R.; SENDSTAD, C. **Russia's role as an arms exporter: the strategic and economic importance of arms exports for Russia.** Chatam House: The Royal Institute of International Affairs: Russia and Eurasia Programme, march 2017.

COVINGTON, S. R. **Putin's choice for Russia.** Cambridge, MA, EUA: Belfer Center for Science and International Affairs, Harvard Kennedy School, 2015.

DEUTSCHE WELLE (DW). **US to offer Ukraine financial support as political crisis deepens.** Jo Harper, 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/us-to-offer-ukraine-financial-support-as-political-crisis-deepens/a-19157505>>. Acesso em: 03/07/2017.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA). **Embassy of The United States in Kiev, Ukraine.** U.S. Department of State, 2016. Disponível em: <<http://ukraine.usembassy.gov/usaid.html>>. Acesso em: 03/07/2017.

_____. **Ukraine and Russia Sanctions.** US Department of State, 2014. Disponível em: <<http://www.state.gov/e/eb/tfs/spi/ukrainerrussia/>>. Acesso em: 12/07/2017.

FEDERAÇÃO RUSSA. **Excerpts from the transcript of the session of the presidential council for implementing priority national projects and demographic policy.** Kremlin Palace, Moscow, March, 2007. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24074>>. Acesso em: 12/08/2017.

FINANCIAL TIMES. **Putin's approval ratings slip, but public confidence remains strong.** June 21, 2017. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/d2ba19f0-568d-11e7-80b6-9bfa4c1f83d2?mhq5j=e7>>. Acesso em 23/10/2017.

FIORI, J. L. O sistema interestatal capitalista no início do século XXI. In: **FIORI, J. L.; MEDEIROS, C.; SERRANO, F. O mito do colapso do poder americano.** Rio de Janeiro, RJ: Record, 2008.

FREIRE, M. R. A Política externa russa e a primavera árabe: ambivalência num contexto em mudança. In: **Ciência e cultura, vol. 64, nº 4,** São Paulo, Out/Dez, 2012. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252012000400016&script=sci_arttext>. Acesso em: 30/06/2017.

HILL, F.; GADDY, C. G. **Mr. Putin: operative in the Kremlin.** Brookings Institution Press, 2015.

HOBBS, T. **Do cidadão.** Tradução, apresentação e notas: Renato Janine Ribeiro; coordenação: Roberto Leal Ferreira. - 2ª ed. - São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

HOBBSBAWM, E, J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, SP: Companhia das letras, 1995.

HORVARTH, R. **Putin's preventive counter-revolution: Post-Soviet authoritarianism and the spectre of velvet revolution.** Routledge series on Russian and East Europe Studies. Routledge, 2013.

IGNATIEV, S. **The macroeconomic situation and monetary policy in Russia.** Discurso do presidente do Banco Central na conferência *monetary policy under uncertainty*. Buenos Aires, Argentina, 2007.

KATHLEEN, E. S. **Mythmaking in the New Russia: politics and memory during the Yeltsin era.** Cornell University Press, 2002.

- MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1998.
- MEDEIROS, C. A. de. Desenvolvimento econômico e ascensão nacional: rupturas e transições na Rússia e na China. In: **FIORI, J. L.; SERRANO, F.; MEDEIROS, C. A. de. O mito do colapso do poder americano**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2008.
- MOCELIN, L. F. **A correção de rumos de uma nação: a Rússia sob o comando de Vladimir Putin**. 161 págs. Dissertação (mestrado em ciências sociais) – PUC/SP, São Paulo, SP, 2016.
- MORGENTHAU, H. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Trad.: Oswaldo Biato. Prefácio: Ronaldo M. Sardenberg. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- NOVE, A. **The Soviet Economy**. Routledge, 2013.
- PEW RESEARCH CENTER (PRC). **Russians remains confident in Putin's global leadership**. June 20, 2017. Disponível em: <<http://www.pewglobal.org/2017/06/20/president-putin-russian-perspective/>>. Acesso em: 23/10/2017.
- PHILLIPS, S. **Lenin and the Russian Revolution**. Heinemann, 2000.
- POMERANZ, L. A queda do muro de Berlim: reflexões vinte anos depois. In: **Revista USP, n. 84**, São Paulo, SP: Fevereiro, 2010, p. 14-23.
- _____. Rússia: Economia e Sociedade. In: **Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional: O Brasil no mundo que vem aí**. Seminário: Rússia. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), 2007.
- PUTIN, V. **Address by the President of The Russian Federation: Vladimir Putin Addressed State Duma Deputies, Federation Council members, heads of Russian regions and civil society representatives in the Kremlin**. Moscow, march 18th, 2014a. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/20603>>. Acesso em: 10/03/2016.
- REMINGTON, T. F. "Parliamentary Politics in Russia". In: **WHITE, S. Developments in Russian Politics 7**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- _____. "Patronage and the Party of Power: President-Parliament Relations under Vladimir Putin". **Europe-Asia Studies**, August 2008, p. 965-993.
- _____. **Vladimir Putin answered journalists' questions on the situation in Ukraine**: The President of Russia met with media representatives to answer a number of their questions, in particular with regard to the situation in Ukraine. Moscou, march 4th, 2014b.
- RUSSIA UNIDA. Disponível em: <<http://er.ru/>>. Acesso em: 20/09/2017.
- RUTLAND, P. **The politics of economic stagnation in the Soviet Union: the role of local party organs in economic management**. Cambridge University Press, 2009.
- SAKWA, R. **Power and Policy in Putin's Russia**. Routledge Europe-Asia Studies. Routledge, 2013.

_____. Putin's leadership: Character and Consequences. **In: Europe-Asia Studies**, vol. 60, n. 6, August 2008a, p. 879-897.

_____. **Russia on the edge of change.** s/d. Disponível em: <<http://rusemb.org.uk/data/doc/FIRSTRussiaPDFs/P36-38RichardSakwa.pdf>>. Acesso em: 01/05/2017.

_____. **Russian Politics and Society.** Fourth Edition. London and New York: Routledge, 2008b.

SEGRILLO, A. **Os russos.** - 1ª ed. - São Paulo, SP: Contexto, 2015.

SPUTNIK NEWS. **Putin felicita a Rússia:** o presidente do maior país da Europa discursa no dia da Rússia, 2016. Disponível em: <<http://sptnkne.ws/cpwP>>. Acesso em: 13/06/2017.

STONER-WEISS, K.; McFAUL, M. **Domestic and international influences on the Collapse of the Soviet Union (1991) and Russia's initial transition to democracy (1993).** Number 108, Center on democracy, development and the rule of law, Stanford University, March, 2009.

STUERMER, M. **Putin and the rise of Russia.** Hachette, UK, 2008.

TAYLOR, B.D. **State Building in Putin's Russia:** Policing and coercion after communism. Cambridge University press, 2011.

THE TELEGRAPH. **Overwhelmingly majority of Russians support Putin's handling of world affairs, study shows.** June 22, 2017. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/2017/06/22/overwhelming-majority-russians-support-putins-handling-world/>>. Acesso em: 23/10/2017.

WEGREN, S. K. **Return to Putin's Russia:** past imperfect, future uncertain. Rowman & Littlefield, 2013.

ZUBELZU, G. Entender a Rusia a través de sus fuerzas profundas: dificultades y desafíos de una reflexión recurrente. **In: Revista Brasileira de Política Internacional**, nº 50, 2007, p. 102-120.